A MULHER NEGRA NA OBRA *A COR PÚRPURA*, DE ALICE WALKER

[1] Marsâmia dos Anjos Menezes
[2]Elis Regina Fernandes Alves

RESUMO. A temática deste trabalho refere-se a uma análise minuciosa da personagem Celie, na obra *A Cor Púrpura*, da autora norte americana Alice Walker. Utiliza-se a teoria literária feminista para falar da evolução da mulher e a criação de estereótipos para falar da inferiorização da mulher negra. Objetivou-se verificar como a personagem protagonista Celie é considerada inferior por ser mulher e negra. A análise revela que Celie, mulher negra, mesmo vivendo oprimida por uma sociedade racista e sexista, sendo alvo de estereótipos desta natureza, encontra na amizade e na solidariedade força para superar seus dramas e sofrimentos, tornando-se assim agente do seu próprio destino, adquirindo independência financeira e voz dentro da sociedade na qual vive.

Palavras-chave: Feminismo, mulher negra, estereótipos.

ABSTRACT. The thematic of this work refers to a thorough analysis of the character Celie, in the work *The color purple*, of the North-American writer Alice Walker. It is used the Feminist literary theory to show the evolution of the woman and the creation of stereotypes to talk about the inferiority of the black woman. The objective was to verify how the protagonist Celie is considered inferior by being woman and black. The analysis reveals that Celie, black woman, even living oppressed by a racist and sexist society, being targeted by such stereotypes, find in friendship and solidarity power to overcome her dramas and suffering, becoming an agent of her own destiny, acquiring financial independence and voice in the society she lives in.

Key-words: Feminism, black woman, stereotypes.

INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho "A Mulher Negra" tem como finalidade analisar a condição social da mulher negra, especificamente da personagem protagonista Celie, na obra *A Cor Púrpura* (1982), da escritora norte-americana Alice Walker. A obra retrata a trajetória da personagem Celie, uma mulher negra, oprimida e silenciada por uma sociedade racista e sexista, mas que encontra na amizade e solidariedade de outras mulheres a força para superar e tornar-se agente do seu próprio destino.

Tomaremos como base teórica o feminismo, entendendo a obra como sendo de autoria feminina e que também retrata uma personagem feminina como protagonista. Especificamente, haverá o foco do feminismo negro e a criação de estereótipos sobre a

---

[1] Graduanda do Curso de Letras – Português/Inglês da UFAM-IEAA.
[2] Professora orientadora.

mulher negra, tentando evidenciar de que modo esta personagem é oprimida e silenciada por uma sociedade machista e racista.

Este estudo busca fazer uma análise das conseqüências produzidas, da relação entre colonizador (branco) e colonizado (negro), mostrando assim a visão a partir das vozes silenciadas e subjugadas às vontades dos homens brancos, mostra a situação das mulheres que era bastante repressora. E que só tiveram seus direitos reconhecidos após a criação de movimentos feministas.

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfica e caráter qualitativo, sobre o feminismo negro na obra *A cor Púrpura*, de Alice Walker. Esse estudo será fundamentado em autores como Bonnici (2007), Michel (1982), Zolin (2003a e 2003b), Alves e Pitanguy (1985) e Munanga (1988). Também serão extraídos trechos da obra para exemplificar as idéias e alcançar os objetivos para o trabalho.

1. OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

Com o crescente surgimento de movimentos que tinham por objetivo minimizar os problemas sociais e as diferenças existentes entre homens e mulheres desde a existência dos seres humanos, surge o movimento feminista, um movimento questionador não só da opressão machista, mas dos modelos de comportamento impostos pela sociedade de consumo. O mesmo encorajou algumas mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência: jurídica, política, econômica, educacional entre outras.

Com o surgimento do feminismo, nasce uma nova visão acerca das mulheres, uma vez que estas até então não tinham voz nem vez, eram desvalorizadas, submetidas aos caprichos dos homens e não tinham espaço na sociedade a qual estavam inseridas.

É preciso analisar, historicamente, o papel da mulher na sociedade. Para Alves e Pitanguy: “Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre.” (1985, p. 11). As mulheres eram vistas apenas como procriadoras sendo responsáveis pela criação dos filhos e afazeres domésticos. Trabalhar “fora de casa” era privilégio para os homens, que desenvolviam as atividades consideradas nobres, como a política, as artes, entre outras. É importante salientar que até o início do século XX a mulher era praticamente proibida de exercer sua cidadania plena, isto é, de dar opiniões sobre determinados assuntos, ainda que entendesse e pudesse contribuir de

forma significativa com seus argumentos. Neste sentido convém ouvir Alves e Pitanguy, (1985, p.12):

> Ao afirmar que "os Deuses" criaram a mulher para as funções domésticas, os homens para todas as outras, Xenofante, no século IV a. C., exprimia um tipo de argumentação naturalista que ainda hoje demarca espaços para os sexos.
> Por outro lado, o mesmo Xenofante, tratando da educação da mulher, revela o quanto é social e coercitivo o aprendizado destas funções "naturais":
> "... que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor numero de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível".

Fica evidente o tratamento destinado às mulheres, privadas de seus direitos básicos e fundamentais; eram definitivamente excluídas do mundo das ideias, do pensamento e do conhecimento, sendo negado a elas o acesso à educação intelectual. A mulher neste momento não era vista em sua totalidade e sim como serva de seu senhor.

Seguindo esses pensamentos, nota-se que eram consideradas incapazes de realizar outros afazeres a não serem as tarefas domésticas e que não poderiam de forma alguma exercer outro papel social diferente ao que antes já mencionamos (Michel, 1982).

A partir do século XIX timidamente inicia-se o processo de participação social feminina, fragmentado como todo início de participação popular, restrita a algumas camadas sociais. As mulheres começaram a inserir-se gradativamente nas atividades realizadas na sociedade como na política, nas artes, nas ciências e na literatura, que foi um dos caminhos mais usados para criticar e delatar a sujeição da mulher aos regimes impostos pela tradição social. Conforme Michel (1982, p.64)

> No século XIX, inúmeras mulheres se tornaram conhecidas nas artes, na literatura, nas matemáticas, na astronomia, nas ciências, em que algumas mulheres chefiaram expedições perigosas para continuarem seus trabalhos, etc.

A partir de então a mulher começa a ganhar espaço na sociedade, seus ideais e direitos começam a se expandir. Com isso, a mulher começa a escrever, delatando não só os sofrimentos, mas relatando os seus sentimentos, sua realidade e seus ideais. Com isso a literatura ganha uma nova percepção no cenário literário mundial.

No século XX, nos períodos de guerras mundiais, não foram só as saias que subiram e os cabelos que encurtaram. Com tantos homens engajados nos campos de batalha, muitas mulheres arrumaram empregos nas fábricas, nas

lojas, nos escritórios, o que foi muito importante para sua emancipação. Estavam cada vez ficando mais conscientes de seus direitos, mais livres.

Dentro dessa perspectiva há o início de uma luta por seus direitos na esfera pública, ensaiando suas primeiras ações feministas que surte um efeito colateral nas sociedades mais tradicionais e conservadoras que tentam frear o movimento. Conforme Alves e Pitanguy, (1985, p. 41):

> Através de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública. O avanço das lutas operárias congrega homens e mulheres nas organizações sindicais. Com eles as mulheres participaram de greves e, como eles, foram vítimas da repressão.

Segundo Michel (1982), o século XX trouxe lutas mais evidentes das mulheres em busca de direitos iguais aos masculinos, como o direito ao voto, ao divórcio, ao aborto, a salários iguais, etc.

O movimento feminista trouxe à humanidade um novo ritmo de vida, novas maneiras de conceber o mundo. E no decorrer dos anos, a mulher percebeu a necessidade de tomar posse de seu lugar na esfera social. A luta pelo voto feminino desencadeou um movimento de massas que geraram inúmeros conflitos onde as mesmas acabavam presas por desordem pública. Surge então a idéia de protestos, greves de fome e prisões que são reprimidas com violência por parte dos governantes. Porém, a repressão não intimidou o movimento, pelo contrário, a partir daí intensifica-se a mobilização das mulheres, que requerem seus direitos sociais e a participação na política, bem como o direito ao voto, dentre outros. (MICHEL, 1982).

Redirecionando a sua posição social, a mulher torna-se sujeito de sua história, isto é, busca revolucionar e reivindica seus direitos agora no campo da sexualidade, desvinculando dessa forma sua função que era vista somente como biológica, de reprodução, para exigir o seu direito ao controle de natalidade com uso de preservativos, anticoncepcionais e outros meios, além de outros termos como o aborto e a relação de hétero e homossexuais, conforme relata Michel:

> As feministas da Inglaterra e dos Estados Unidos foram, também nesse aspecto, pioneiras da luta pelo aborto contra os defensores do irredentismo natalista e os Laissez-les-vivo (1982, p.82).

Os movimentos feministas, assim direcionados para todas as esferas sociais, fortaleceram-se sobremaneira em fins de século XX, principalmente pelo fato de a "nova geração" de mulheres, nascidas após a segunda guerra mundial, terem nível de instrução maior, criando assim movimentos feministas em busca da igualdade entre os sexos nos campos político, familiar, trabalhista, artístico e literário. É deste último movimento que nos ocuparemos agora.

1.2. O FEMINISMO LITERÁRIO

Com a ruptura deste universo de isolamento, a mulher começa a acreditar em seu potencial e inicia-se então um importante papel na sociedade emergindo na literatura e nas artes, embora com uma rigorosa restrição e não acentua o feminismo propriamente dito, pois ainda persiste a idéia da mulher submissa, com obras feminina imitando o modelo estético masculino.

Nesse momento histórico a mulher tenta se firmar como escritora e não somente como personagem, busca de alguma forma, destruir o mito da inferioridade feminina, e rever a condição do sujeito feminino. Também avalia a visão que os homens têm a respeito de tal "inferioridade" e de que maneira escrevem sobre as mulheres e de como elas mesma escrevem a seu respeito. Todavia a sua inserção no universo da literatura ainda não era bem acolhido e tal situação que até então era predominantemente masculino obrigavam as escrever, mas não assinar como mulher, tendo que assumir uma identidade masculina para que sua obra fosse aceita pelos críticos da época. A esse respeito convém ouvir Zolin, (2003a, p. 165):

> Como conseqüência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina; mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse "detalhe" referente à autoria.

Nessas considerações a autora ressalta o quanto foi árdua as primeiras tentativas da mulher se firmar como escritora num ambiente hostil e de

recriminações sociais dos sérios homens letrados, surgindo então vários pseudônimos, dos quais citaremos apenas um, “George Eliot,” codinome da inglesa Mary Ann Evans. É importante frisarmos que apenas o homem era visto como referência literária para a sociedade daquele período.

Nesse momento frágil crescem o desejo latente de desprender-se dessas amarras impostas pelos homens que insiste em inibir as considerações feministas, surgem então autoras preocupadas em demonstrar seus sentimentos e defender seus ideais literários aproveitam o momento para acentuar a criticidade masculina e esclarecer as autoras femininas que ainda posicionam-se de modo masculino o quão necessário é romper com esses paradigmas. A exemplo disso elencamos a autora Virgínia Woolf que critica comodismo e submissão aceitável. A autora observava o domínio masculino e era contrária às desigualdades entre os sexos. Criticava o papel submisso feminino e defendia que toda mulher devia ter seu espaço e liberdade para escrever. Nas palavras de Zolin, (2003a, p. 165-166):

> A escritora e ensaísta inglesa Virgínia Woolf, além de autora de romances que rompem com o formalismo tradicional da ficção da Era Vitoriana, […] escreveu uma série de ensaios sobre a escrita da mulher, sendo, por isso, considerada uma importante precursora da crítica feminista. Em vista disso, passemos a perscrutar algumas de suas principais idéias, as quais impulsionaram um novo olhar em relação ao tema “mulher e literatura,” até então marcado por toda sorte de preconceitos e discriminações.

Para o contexto da época, tal postura da autora era um escândalo, pois ia contra as idéias tradicionais masculina. Com o decorrer do tempo a escritora feminina sai dessa linha de escrever sobre o mundo doméstico, relações amorosas dentre outras, e começa a escrever sobre as mulheres como nunca se escreveu antes. Agora a mulher é representada com outros interesses.

Seguindo essa linha de raciocínio inicia-se então a segunda onda, conhecida também como a fase fêmea que retrata a mulher em busca do autoconhecimento, o qual abrirá outras possibilidades, isto já por volta de 1980. Podemos elucidar neste momento histórico as valorosas contribuições no âmbito feminista de Simone de Beauvoir, que “discute a situação da mulher através de uma perspectiva existencialista, numa espécie de respostas ao marxismo, que, segundo ela, não explicou o sexismo a contento [...]” Zolin,

(2003a, p. 167), na visão de Beauvoir não basta indicar todos os conceitos opressivos em que, porventura, o gênero feminino se encontrava, mas, sobretudo explicitar o porquê estes foram instituídos de forma opressiva entre os homens.

Conforme a estes pensamentos, tomemos como pressupostos a posição adotada por Kate Millet que "[...] traz à tona discussões acerca da posição secundária ocupado pelas heroínas dos de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias." Zolin, (2003a, p. 169). A escritora manifesta seu descontentamento com essa maneira pacata de aceitar o papel que é destinado a mulher, papel no máximo de coadjuvante, nunca de ator principal, a mesma ressalta que tal situação somente prevalece porque a própria mulher permite que esta ação se perpetue, nesse sentido é proveitoso ouvir as palavras de Zolin, (2003a, p. 169):

> […] Millet acredita que toda manifestação de poder exige o consentimento por parte do oprimido. No caso da mulher, tal consentimento é obtido através de instituições de socialização, como a família, ou através de leis que punem o aborto ou a violência à esposa, afirmando, às vezes, o poder masculino.

Nestes aspectos a autora ressalta que os papéis femininos tornam-se repressivos, caracterizando a superioridade masculina que afeta também o âmbito literário onde preconiza essa situação de dominância e subordinação a qual a mesma se submete. Outra autora que muito contribui com a difusão do movimento feminista, se não a principal colaboradora e uma das fundadoras da crítica feminista contemporânea foi Showalter, professora e ativista que questiona e critica a situação literária feminina sufocada pela literatura masculina e que esta é pouca reproduzida em relação à outra. De acordo com Bonnici (2007, p.242):

> Showalter se distingue como inventora do termo "**ginocrítica**", que investiga como a escrita de autoria feminina é diferente da escrita de autoria masculina na **linguagem**, no enredo (personagens ou enredos arquétipos), nos temas (as idéias e as preocupações compartilhadas por escritoras), no uso de metáforas ou de imagens.

Nas considerações do autor, Showalter infere uma indireta nas escritoras que compõem obras utilizando estruturas tipicamente masculinas demonstrando dessa maneira uma situação de subversão ou submissão literária, ressalta ainda sobre a esteticidade feminista que compõem uma tradição emudecida.

1.3. O FEMINISMO NEGRO

Historicamente a mulher negra foi considerada como se pertencesse a outra classe social. Mas, embora tratada como escrava, subalterna, acreditava-se que a mulher negra estivesse inclusa na categoria "mulher". A mulher branca era descrita como se ela pudesse representar todas as mulheres, inclusive a negra. (BONNICI, 2007). Entretanto, esta forma opressiva de tratamento para com a mulher negra contribuiu na firmação do feminismo negro que tem suas bases nas experiências históricas diferenciadas de mulheres corajosas que deixaram seu legado através de entraves históricos, nas marcas das lutas de superação do sexismo e racismo que as mesmas superaram, e que muitas ainda tentam. O feminismo negro tem como finalidade o reconhecimento da mulher negra e eliminação de quaisquer estereótipos, os quais imanam de forma avassaladora coibindo sua identidade cultural.

A escrita feminina negra, até pouco tempo, não foi descrita, nem comentada, nem divulgada, nem analisada. Segundo Bonnici: "Quando se analisa a crítica literária feminista entre 1970 e 1990 percebe-se que a escrita das mulheres negras não tem tido quase nenhum espaço nas revisões de literatura feminista, nas releituras feministas e na reescrita do cânone literário" (2007, p. 106). O feminismo negro, além de buscar a integração da escrita feminina negra, busca analisar também o modo como são representadas as personagens negras, o modo como a escritora negra escreve, como se nota:

> [a tarefa da crítica feminista negra] deve começar pelo compromisso primordial para investigar como as políticas racial e sexual e a identidade negra são fatores inerentes à escrita das mulheres negras. [...] As escritoras negras manifestam em seus temas, em seu estilo, em sua estética e em seus conceitos as abordagens comuns à criação literária, oriundas da experiência especificamente política, social e econômica que elas foram forçadas a compartilhar. (SMITH, 1982, p. 163-164 apud BONNICI, 2007, p. 107).

Não se pode, porém, querer universalizar a escrita negra, pois o objetivo é justamente analisar as particularidades em cada situação vivida. Além disto, o

feminismo negro busca reverter os estereótipos criados sobre a mulher negra, pois "[...] desde o início da literatura estadunidense as mulheres negras eram representadas como sexualmente depravadas [...] ou como senhoras obedientes e subservientes [...]" (MCKAY, 1991, p. 250, apud BONNICI, 2007, p. 109). Neste sentido, o feminismo negro busca desconstruir estes estereótipos, verificando a criação de uma literatura negra que não se volte, somente, à estereotipação feminina, mas que busque o retrato da mulher negra em suas mais diversas variantes. Agora, importa-nos entender quais os estereótipos mais comuns aplicados à mulher negra.

2. A CRIAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

A criação de estereótipos é uma das maneiras mais utilizadas na outremização. Para Bonnici, a outremização é a maneira como se fabrica o outro, como se constrói a imagem do outro (2005), ou seja, é uma tendência de avaliar o outro segundo seu ponto de vista, desvalorizando aquele que é diferente, quase sempre considerando o seu modo de vida o mais correto. Essa tendência é responsável, em casos extremos, por numerosos conflitos sociais. Seguindo essa linha de raciocínio, outremizar é a postura perversa de subjugar o outro de acordo com sua crença. Este termo é muito utilizado para descrever a situação dos sujeitos colonizados, que foram considerados objetos, face ao sujeito colonizador, sujeito. Em nossa análise, analisamos a situação da mulher negra, um ser pós-colonial, que vive em meio a essas inquietantes e pejorativas prerrogativas que lhes são impostas. A esse respeito, é imprescindível mencionar as palavras de Munanga, (1988, p. 23) que afirma a situação vivenciada pelo negro: "colocado à margem da história, da qual nunca é sujeito e sempre objeto, o negro acaba perdendo o hábito de qualquer participação ativa, até o de reclamar." Em outras palavras, o negro continua escravizado e oprimido por estereótipos vulgares, os quais são atribuídos com muita facilidade, tornando-os inferiores, tanto intelectual como socialmente.

É proveitoso salientar que a utilização dos estereótipos sobre a mulher negra tem origens remotas e atravessou o tempo querendo perpetuar-se nos dias atuais como um controle social de uma sociedade esteticista que monopoliza esta menosprezada classe feminina. Esta prática perversa e cruel aparece em dizeres de muito mau gosto como: ditados, piadas, etc. que exercem uma ação negativa na auto-

estima da mulher que desta forma tem sua identidade afrontada desde a infância, através de situações inusitadas, mas vivenciadas no seu cotidiano.

Os estereótipos criados pelos brancos para realçar sua supremacia de dominador emergem durante os primeiros séculos de colonização, em que se buscam justificativas para o fato de um ser nascer negro, já que "ser branco era assumido como condição humana normativa e o ser negro precisava de uma explicação científica." (MUNANGA, 1988, p. 14). Com isto, cria-se uma imagem negativa e de inferioridade em relação ao negro, consolidando a condição depreciativa do mesmo, um pensamento preconceituoso latente contra os colonizados.

O negro é estereotipado através de diversas negações que constituem um retrato de acusação criando-se assim uma mistificação de sua figura. Neste contexto elencamos a inferioridade feminina que era vista como parte inerente do homem, pois nas palavras de Bonnici: "O termo *homem* e seus derivados incluíam o homem e a mulher; o mesmo privilégio não era dado ao termo *mulher*." (2005, p.210). Vemos que este estigma de inferioridade era criado sobre a mulher para consolidar a hierarquia preponderante. Assim, vemos que a mulher é inferiorizada e que a mulher negra é duplamente inferiorizada, pois que, além de mulher, é negra. (BONNICI, 2003).

Outro estereótipo a ser criado para estabelecer a posição da supremacia social está na distinção da cor da pele. "Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou desvio à norma." (MUNANGA, 1988, p. 14-15). Esta diferenciação da pele através das cores preto/inferior e branco/ superior cria o estigma do bem e do mal, onde a cor branca simboliza a pureza e a cor preta a maldição.

Este dualismo também nos remete a situação do feio e do bonito que ressalta a estética criada para diferenciar ou até mesmo para classificar. Portanto, atacar à estética é um instrumento violento contra o processo de construção da identidade, numa sociedade onde a beleza está relacionada a um único padrão, fazendo a mulher negra assimilar um determinado modelo como recurso para ser aceita na sociedade, porém tal aceitação não acontece. Assim "a negras desesperam-se, alisando os cabelos e torturando a pele com produtos químicos, a fim de clareá-la um pouco. Escondem-se o passado, as tradições, as raízes." (MUNANGA, 1988, p. 30). Mas, mesmo após estas tentativas estéticas e superficiais, as mesmas continuam sendo objeto de chacota e insultos.

Além disso, há também o estereótipo do negro ser sexualmente degenerado, uma característica atribuída à raça negra de forma indiscriminada. Para Bonnici: “Referente à sexualidade, o oriental e o africano são retratados como fortemente regidos pelos instintos, enquanto as mulheres são consideradas imorais e cortesãs sexualmente insaciáveis.” (2005, p. 42).

Os estereótipos criados sobre a raça negra e, mais especificamente, sobre a mulher negra, objeto de nossa análise, levam, muitas vezes, à negação das características do ser negro, como afirma Munanga (1988, p.29) nas situações:

> […] em que a mulher intelectual negra quer de qualquer jeito embranquecer-se através do casamento com um branco e outras em que a mestiça persiste nessa tentativa para não regredir no esforço de ascensão social e de salvação da raça.

Existe a negação da própria identidade (BONNICI, 2005), e a mulher negra renega sua cor, sua etnia, e, consequentemente, seus próprios valores, uma situação deprimente que enaltece o opressor e sua vontade de diluir simbolicamente a sua superioridade, enquanto configura-se a inferioridade do oprimido, neste caso a mulher negra.

Em relação à religião, podemos afirmar que o processo de evangelização, as chamadas missões civilizadoras (BONNICI, 2005), muito comuns nas colônias, em que se buscava a conversão dos colonizados à fé cristã, em vez de formar personalidades africanas livres, independentes, contribuiu eficazmente para destruir valores espirituais e culturais autênticos, com o pretexto de que os mesmos eram pagãos. Segundo Munanga, (1988, p.25): “A sabedoria dos ancestrais foi considerada sinal de paganismo e primitividade.”

Observa-se que o colonizador destruiu os valores religiosos, culturais e lingüísticos dos negros, além de negarem sua cor, outremizando-os para deixá-los cada vez mais inferiores. Neste sentido, percebe-se com clareza que a criação de tais estereótipos é ferramenta bastante eficiente para assegurar a dominação do objeto colonizado, no caso supracitado, o negro. Agora, importa-nos verificar de que forma a personagem Celie, protagonista do romance aqui analisado, *A cor púrpura*, tem estereótipos criados sobre si, mulher negra.

3. A AUTORA E SUA OBRA

Alice Malsenior Walker nasceu em 09 de fevereiro de 1944 na cidade de Eatonton no estado da Geórgia nos Estados Unidos da América, filha de agricultores. Ela perdeu a visão de um dos olhos aos 8 anos de idade, num acidente. Mas graças a seus inúmeros esfoços e dedicação conseguiu sucessivas bolsas de estudos, graduando-se em artes pelo Sarah Lawrence College no ano de 1965 quando iniciou sua carreira de escritora com *Once*, um volume de poesias e alcançou fama mundialmente com *A Cor Púrpura*, objeto de análise deste trabalho.(HIGH, 2002).

A autora escreveu também o livro *De amor de desespero*, uma obra composta pelas vozes de várias mulheres negras do sul dos Estados Unidos. O livro é uma coletânea de vários contos, nos quais conhecemos mulheres diferente com seus temores, desafios e sonhos. Walker é internacionalmente conhecida por sua participação em movimentos pelos direitos civis, principalmente das causas negra e feminina, destacando-se na luta contra o *Apartheid* e contra a mutilação genital em alguns países africanos. Além de romancista premiada, é também autora de contos, ensaios, poemas e vários livros infantis. É proveitoso mencionar que no ano de 1984 fundou sua própria editora, *Wild Trees Press*, e que sua obra está traduzida para mais de vinte línguas. (HIGH, 2002).

Publicado com sucesso nos Estados Unidos em 1982, o romance *A Cor Púrpura* ganhou o Premio *Pulitzer* de ficção em 1983, e ficou ainda mais conhecido após a adaptação de Steven Spielberg para o cinema, no filme estrelado pela atriz Whoopi Goldberg que atuou brilhantemente como Celie e Oprah Winfrey como Sofia. (A COR PÚRPURA, online, 2011).

A narrativa ocorre em meados de 1906, em uma pequena cidade da Geórgia, sul dos Estados Unidos, onde a adolescente Celie, violentada pelo próprio pai, torna-se mãe de duas crianças. Separada dos filhos, é dada ao Sinhô, que a trata como companheira e escrava ao mesmo tempo. Cada vez mais calada e solitária, a mesma passa a compartilhar sua tristeza em cartas. “Querido Deus”: assim começa a maior parte das cartas escritas por Celie.

A personagem Celie é negra, semi-analfabeta, passa a ser subjugada por um homem que ela pensa ser seu pai, então a mesma vive entre o cuidar da família e planejar uma vida diferente da sua para a irmã, Nettie. As duas irmãs passariam trinta

anos sem notícias uma da outra. E Celie passou a confiar seus pensamentos a Deus, seu único correspondente, em cartas.

Esta árdua situação se mantém até que se efetive a sua amizade com Shug Avery, cantora de sucesso e amante de seu marido, que lhe dá outra perspectiva da vida. Assim em oposição à solidão, pobreza, brutalidade e violência, Celie descobre novas maneiras de sentir beleza, conforto, desejo, amor, saudade, esperança e consciência de si, inclusive saindo da situação de objeto para uma bem sucedida mulher de negócios.

4. *A COR PÚRPURA*: A EVOLUÇÃO DA PERSONAGEM CELIE

A narrativa analisada ocorre na região sul dos Estados Unidos trazendo em suas características um contexto de segregação racial o qual a caracteriza, de certa forma, como uma obra pós-colonial, pois se percebe que esse tipo de romance aborda temáticas que tem como finalidade intrínseca a descolonização cultural e a construção de uma nova identidade. No entanto, isto não se restringe somente para os povos que passaram recentemente pela experiência colonial, como é o caso desta obra, mas como também a de todos os povos que são oprimidos e silenciados tanto por hegemonias raciais, quanto por gênero ou classe.

A narrativa transcorre em torno da história de Celie, uma menina negra que vive com sua família, a mãe bastante doente, o pai, que posteriormente ela descobre ser seu padrasto, a irmã Nettie e os irmãos menores, os mesmos residem em uma área rural da Geórgia, sul dos Estados Unidos. No início da trama sua mãe, já debilitada, fica impossibilitada de realizar quaisquer tarefas domésticas, inclusive as que se referem ao âmbito conjugal, e seu esposo mantém Celie como substituta tanto nas tarefas domésticas quanto na cama. Embora ela resista, é abusada sexualmente, como ela destaca em uma das inúmeras cartas que escreve para Deus, seu único amigo e confidente até então:

> Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e cumeçou a mexer. Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota. Quando aquilo dueu, eu gritei. Ele cumeçou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acustumar.
> Mas eu num acustumei, nunca. (WALKER, 2009, p. 10)

Então percebemos que Celie já se depara com seu futuro opressivo a partir desta ação que a mesma considera como incesto. No entanto, com isto engravida de seu primeiro filho ainda aos quatorze anos, neste ambiente de hostilidade e opressão Celie

convive sob o julgo e ameaças de seu pai que a tem quando quer. Tal situação se prolonga por alguns tempos, e depois de ter uma menina seu pai a doa para um casal de missionários que não podem ter filhos. Então quando questionada por sua mãe a respeito da gravidez, quem é o pai do bebê e onde está a criança, Celie responde que é filha de Deus e que ele a levou e pouco tempo depois enfrenta outra perda significativa, o falecimento de sua mãe.

Após a morte da mãe, Celie engravida novamente de seu pai, e outra vez ele doa a criança para o mesmo casal a quem entregou à primeira, todavia a criança desta vez é um menino que com seu nascimento levou dela, também, a possibilidade de voltar a ser mãe. Nesta ocasião o pai aproveita para tirar Celie da escola e não permite que ela estude mais, alegando que a mesma é muito ingênua e não necessita mais freqüentar a escola, como podemos confirmar nas palavras de Celie:

> Da primeira vez que eu fiquei de barriga, o Pai me tirou da escola. Ele num quis saber se eu gostava de lá ou não. Nettie ficou lá no portão sigurando apertado na minha mão. Eu tava toda vistida pro primeiro dia. Você é muito boba pra continuar indo pra escola, o Pai falou. (WALKER, 2009, p. 22).

Apesar de Nettie intervir em seu favor, seu pai não aprova suas colocações e arranca a oportunidade de Celie aprofundar seus estudos, então por mais que Nettie tente ensiná-la em casa ela já não encontra motivações para tal e acaba se retraindo como fará em todas as situações posteriores.

Essa condição de submissão que Celie apresenta nesta trama, um longo período de humilhação, violência doméstica e privação de sua liberdade, infere em uma notável subordinação que a mesma emitirá a seus dominadores, tanto com seu padrasto em seus abusos, quanto a seu futuro marido que a leva para casa como um objeto, pois na verdade gostaria de casar-se com sua irmã Nettie, mas como o pai não permitira, aceitara Celie no lugar da irmã. Celie continua não reagindo contra o marido, assim como ao reagira contra o pai, pois acredita que em qualquer manifestação de insubordinação, pudesse ser punida com rigor e violência. Com o tempo, começa mesmo a aceitar a violência imposta como algo natural. Isto se confirma quando ela aconselha seu enteado a bater em sua esposa: “Bate nela, eu falo” (WALKER, 2009, p. 52) para que ela possa lhe obedecer. Fica evidente que Celie já se acostumara com tal situação de domínio imposta por seus senhores, desde sua criação, como quando se

refere a seu pai “Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim. Só falava você vai fazer o que sua mãe não quis.” (WALKER, 2009, p. 09) e explica o que ocorre quando ele percebe que há desobediência, “Ele me bateu hoje porque disse queu pisquei prum rapaz na igreja. Eu pudia tá com alguma coisa no olho, mas eu num pisquei. Eu nem olho pros homem. Essa é que é a verdade.” (WALKER, 2009, p. 15). Mesmo que ela fizesse o que seu pai queria, era violentada. Quanto a seu esposo fica fortemente evidenciada sua submissão no fato dela não pronunciar o nome dele, apenas chamá-lo de Sinhô. A alienação de Celie é resultado da opressão e objetificação de seu pai, inicialmente, que continua com o marido, seu “Sinhô”: ambos lhe batem, o pai a vê como um objeto sexual, uma substituta para a mãe e o marido não a vê como mulher, mas como uma empregada.

Até em sua transação de casamento é evidenciada a sua situação de subordinação quando Celie é negociada pelo seu padrasto ao Sinhô. O pai diz que quer “livrar-se da mercadoria”. O negócio é feto com base em sua “aptidão” para o trabalho: “Ela é feia”, ele diz. Mas num istranha trabalho duro” [...] “Ela trabalha como um home” (WALKER, 2009, p. 18). Na verdade, o pai estava casando Celie para poder ficar com Nettie, pois o Sinhô estaria interessado mesmo era em sua irmã, como vemos: “Sinhô afinal chegou e pediu a mão da Nettie em casamento. Mas ele num quis deixar ela ir. Disse que ela tá muito nova, num tem experiência.”(WALKER, 2009, p. 16). Assim seu pai entrega-a à vida conjugal como um produto, um objeto, que irá exercer sua força de trabalho a um “sinhô’. Notamos que nossa heroína é tratada como uma mulher objeto: ora sua força de trabalho é valorizada, ora o uso de seu corpo para satisfação sexual. O pai e o marido não a tratam como um ser humano, não importam a eles seus sentimentos. É a outremização da mulher, a sua objetificação, a redução de si a uma posição de total inferioridade em relação ao homem.

Então, submetendo-se a todo tipo de humilhação, Celie se vê inferior a si mesma, tanto no sentido de ser mulher, quanto no fato de ser humano. Celie não se vê como pessoa, mas como uma espécie de propriedade na qual os homens podem realizar todo tipo de vontade, mesmo que esta a degrade. A personagem acaba aceitando os estereótipos imputados a si mesmo como reais, internaliza-os como verdadeiros e já se sente feia, incapaz e, em suas palavras: “[...] tô com tanta vergonha de mim mesma,[...] porque sou idiota” (WALKER,2009, p. 56-57). A afirmação de Celie nos leva a perceber como a degradação feita a ela por seu pai, marido e outros personagens que a cercam repercutia

negativamente na sua imagem, causando-lhe sentimento de menos valia em relação aos demais.

A outremização desta mulher, a sua caracterização como inferior é repetida ao longo da narrativa por muitos que a cercam. O pai diz: “Ela é feia” (WALKER, 2009, p. 18). A amante de seu marido, Shug Avery, olha para Celie de cima a baixo, dá uma risada e diz: “Você é mesmo feia.” (WALKER, 2009, p.62). Seu marido também afirma: “Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher.” (WALKER, 2009, p.242). Ela mesma comenta a seu respeito “Eu sei queu num sou tão bunita,[...]” (Walker, 2009, p.21) A feiúra de Celie é utilizada para depreciá-la e ela acaba acreditando não dispor de nenhum atributo interessante. Quando tenta ser sensual para salvaguardar Nettie do estupro do pai, levou uma surra dele, que alegou que ela estava se vestindo como uma meretriz. A própria Celie comenta: “Eu enfiei no meu quarto e voltei usando rabo de cavalo, pluma e um par dos sapato de salto alto da nossa nova mamãe. Ele me bateu porque eu visti como vagabunda, mas fez comigo de toda maneira.”(WALKER, 2009, p. 18). Notamos que Celie, mesmo sendo taxada de “feia”, sofre os abusos sexuais do pai. Ela é um objeto a ser usado.

Além de ser considerada inferior por ser negra, pobre, Celie é taxada também de feia e, notamos o último adjetivo degradante a ela atribuído é o de “mulher”, nas palavras do Sinhô, como já citado acima: “Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher.” (WALKER, 2009, p.242). Para este homem, ser mulher é ser menor.

A feiúra de Celie, que não é só vista por outrem, mas por si mesma, suprime as oportunidades e possibilidades desta ser e sentir-se desejada, tornando-a apenas em objeto de realização das necessidades biológicas masculinas. Assim, o suposto pai que a mesma descobre mais tarde que é somente padrasto, a violenta por não ter condições de ter relações sexuais com sua mãe e não por sentir-se atraído sexualmente por ela e o Sinhô, maneira como ela refere-se a seu esposo, relaciona-se sexualmente com ela, mas não com o desejo ardente que sente por sua amante. Nas palavras de Celie podemos confirmar seu posicionamento: “Eu sei que o que ele tava fazendo comigo, ele fez com a Shug Avery, e quem sabe ela gostou [...]” (WALKER, 2009, p. 25). Seu marido, Sinhô, afirma: “[...] eu amo Shug Avery. Sempre amei, sempre vou amar. Eu divia ter casado com ela quando tive oportunidade.” (WALKER, 2009, p. 72). Ela realiza o papel de substituta, já que ele não pode ter aquela que realmente deseja. Novamente, a personagem é um objeto usado em substituição.

Diante de tantos percalços e desafios da vida, os sentimentos de Celie ficaram quase que adormecidos, vindo a ser expostos somente quando um nome surge em seu mundinho arredio, o nome de Shug Avery. Pois Celie ficou fascinado por Shug Avery desde a primeira vez que ouviu falar neste nome, embora não a conhecesse, tampouco imaginava quem era. Mas acabou se rendendo a curiosidade de indagar à sua madrasta, (pois o pai havia se casado com uma moça muito jovem após a morte de sua mãe quem era ela, e esta afirma que vai descobrir e faz mais do que isso. Pois além de descobrir, "Ela fez mais do que isso. Ela cunseguiu um retrato. O primeiro que eu vi de uma pessoa de verdade." (WALKER, 2009, p. 16). Então ao observar o retrato de Shug, Celie fica excitada instantaneamente com o que vê, seus olhos brilham e começa a admirá-la por completo, seu cabelo, sua pele, enfim, tudo é tão maravilhoso aos olhos de Celie:

> A mulher mais linda queu já vi. Ela mais bunita que minha mamãe. Ela é mais de dez mil vezes mais bunita que eu. Eu vejo ela lá dentro do casaco de pele. O rosto dela é vermelho. O cabelo dela parece uma coisa! Ela ta rindo com o pé em cima do carro de alguém. (WALKER, 2009, p. 16).

Nestas considerações de Celie, percebe-se sua atração por Shug a primeira vista, mesmo que através de foto. A partir desse momento todo o seu mundo gira em torno dela. Até mesmo ao comprar uma roupa, fica imaginando a cor do tecido para comprar: "eu penso qual seria a cor que Shug Avery usa. Ela parece uma rainha pra mim [...]" (WALKER, 2009, p. 35). Assim, os pensamentos voltados para Shug seriam o consolo para diluir tanta tristeza, "[...] eu ficaria gradecida só de poder botar o olho nela" (WALKER, 2009, p. 40). Neste aspecto a ansiedade de conhecê-la vai tomando conta de sua vida e Celie vai alimentando expectativas para este momento. Aqui, notamos que nossa personagem começa a mostrar-se, embora timidamente, como um sujeito, pois passa a ter vontades, desejo.

Embora o seu primeiro contato ocorra em uma ocasião inusitada, pois Shug em princípio destrata Celie, "ela olha pra mim da cabeça aos pé. Então ela dá uma risada. Parece um istertor. Você é mesmo feia, ela falou, como se num tivesse acreditando." (WALKER, 2009, p. 61). Shug, amante de seu marido no passado, adoece e ele resolve levá-la para sua casa. Notamos que uma situação inusitada como esta, a de ter a mante do próprio marido em casa, é aceita por Celie, que acaba cuidando de sua doença, tornando-se quase uma empregada, pois, conforme Shug relata: "e quando eu cheguei

aqui, Shug falou, eu tratei você tão mal. Como se fosse uma empregada." (WALKER, 2009, p. 147) No entanto, Celie já a amava, mesmo por foto, e a trata com ternura e contentamento. Só consegue penar nela em termos elogiosos: "Ela tá vistida linda de morrer. Ela tá com um vistido de lã vermelho e o peito cheio de contas preta.[...] ela parece tão na moda que é como se as árvores em volta da casa tivesse se espichando um pouco mais pra ver melhor." Notamos que Celie comporta-se novamente como um ser submisso, um objeto, pois ama tanto Shug que aceita sua arrogância, rebaixa-se, aceita ser sua empregada.

Notamos que quando questionada a respeito da presença de Shug em sua casa por Sinhô, Celie responde: "eu quero que ela fique aqui, eu falo, bem depressa. Ele olha para como quem sabe eu to planejando uma coisa ruim" (WALKER, 2009, p. 64). Embora ainda muito submissa, Celie começa a posicionar-se, de certa forma, como um sujeito, pois sua atitude de aceitar a presença da amante do marido em casa não é sinal de submissão a ele, mas ao amor que sentia por esta amante. Até mesmo seu sogro reconhece a acha estranho essa aceitação: "Celie, ele falou, você tem minha simpatia. Num é toda mulher que deixa a puta do marido se curar na casa deles." (WALKER, 2009, p. 73). Para as outras pessoas aquilo que Celie estava fazendo era inconcebível, sinal de sua total submissão ao marido. No entanto, para Celie, era uma forma prazerosa de manter sua paixão bem próxima de si. Neste sentido, esta personagem parece evoluir, pois sua submissão não se volta aos desmandos do marido, mas para a satisfação de sua paixão.

A personagem Celie começa a passar por um período de auto descoberta, pois que nunca havia amado antes. Ela não entende o sentimento que sente por Shug: "eu olhei pra Shug e senti que meu coração começava a pertar. Me doía tanto queu cobri meu peito com a mão. [...] eu fiquei confusa.[...] mas se é assim, por que meu coração dói tanto?" (WALKER, 2009, p. 93). Shug começa também a admirar Celie. Ambas se tornam amigas. A amante de seu marido a ajuda a começar a ter auto estima. Celie começa, então a se desprender um pouco das amarras sociais e um exemplo disso é o fato de começar a usar calças: "Então eu e a Shug vistimos as nossas calças novas de flor azul que combinam e os grandes molengo que combinam tambem, só que as rosas do dela são vermelhas, as minha são amarela. [...]"(WALKER, 2009, p. 93). O uso das calças, roupa tipicamente masculina, é algo muito simbólica nesta personagem. Além de significar o início de sua descoberta como lésbica, significa também o desafio ao mundo masculino que a inferiorizava.

Diante de tantas descobertas Celie vivencia com Shug há uma que modificaria toda sua maneira de ser, a descoberta de que sua irmã ainda estava viva e escrevera para ela durante anos, mas as cartas nunca lhe haviam chegado às mãos, pois seu marido as escondia: "Ele tava escondendo suas carta, Shug falou". (WALKER, 2009, p. 143). A partir desta descoberta Celie fica furiosa e seus pensamentos clamam por vingança, como podemos perceber em seu discurso: "Eu vaguei pela casa louca pelo sangue do Sinhô. Na minha cabeça, ele caía morto de todo jeito." (WALKER, 2009, p. 234). Notamos que seu marido tivera controle total de sua vida desde o casamento, mas Celie começa, neste momento, a perceber isso e começar a lutar contra esta dominação. Teria matado o marido se Shug não a houvesse impedido.

A ascenção de Celie como sujeito começa a se mostrar também em sua vida profissional. Ela sempre fora esposa e dona de casa, mas com a ajuda de Shug se especializara em costurar: "eu fico sentado na sala custurando e custurando calça. Agora tenho calça de toda cor e tamanho que existe debaixo do sol." (WALKER, 2009, p. 248). Celie não se atentara para o fato de que suas costuras eram uma maneira de se tornar independente financeiramente, mas com os conselhos de Shug, ela inicia-se uma nova visão de trabalho, pois Shug lhe diz:

> Vamo botar uns anuncio no jornal e vamo aumentar bem o preço dessas calças. E vamo fazer inda mais, vamo deixar você com esse salão como ateliê e vamo botar mais umas mulher aqui pra cortar e custurar, enquanto você fica lá trás e desenha. Você já ta ganhando sua vida, Celie, ela falou. Mulher, você ta indo em frente. (WALKER, 2009, p. 250).

E assim Celie inicia-se o seu processo de independência financeira costurando calças. É interessante frisar que na sociedade conservadora usar calças era como se adotasse para si uma postura masculina.

Ao discutir sobre os estereótipos criados sobre os negros e as mulheres, já vimos que os mesmos acabam por aceitar tais estereótipos como reais e verdadeiros, como corrobora Saffioti: "os negros e as mulheres, assim como todas as categorias sociais discriminadas, de tanto ouvirem que são inferiores aos brancos e aos homens, passam a acreditar em sua própria inferioridade" (2002, p. 29). No entanto, existem aqueles que desempenham um importante papel social para que não se efetive a alienação total; que apesar de inúmeras repreensões buscam valorizar a cultura e a auto-estima efetivando a autonomia para tornar-se partícipe em seu meio social. A esse respeito é proveitoso ouvir o comentário feito por Alambert (1997, p. 98), em que afirma que "o processo de

transgressão aberta da mulher contra tudo que está estabelecido, obrigou-a a começar a escrever uma nova história, uma nova cultura, onde o reciclar, o recriar, são palavras constantes". Tomando como norte este fragmento, as personagens Sofia e Shung Avery com denodo e galhardia ultrapassam as expectativas da sociedade atual e tornam-se ícones na mudança paradigmática de Celie.

As duas personagens foram primordiais na transformação do comportamento e na identidade de Celie, como por exemplo Sofia, que no transcorrer da trama casa-se com Harpo, mas não se submete a seu julgo, como o mesmo afirma "eu quero que ela faça o que eu digo, como você com o pai"(WALKER, 2009, p. 81). Portanto, é com ela que Celie percebe a importância da auto estima e da solidariedade. Mas ela só começa a desenvolver uma alta auto estima, ainda que acanhadamente, com Shug Avery, e inicia seu auto conhecimento, desnudando sua personalidade e valorizando-se pouco a pouco, inclusive conhecendo melhor seu corpo, com o incentivo da amiga:

> Eu deitei na cama e puxei meu vistido. Desci minhas calcinha. Pus o espelho entre as pernas. Argh. Todo aquele cabelo. Então os lábios da minha xoxota são preto. Então lá dentro parece um rosa molhada.
> [...] Eu olhei pra ela e toquei o butão com o dedo. Um tremorzinho me sacudiu. Num foi grande. Mas o bastante para mostrar que esse era o butão certo pra pertar. Quem sabe.(WALKER, 2009, p. 99).

É perceptível a presença da amiga auxiliando este processo de conhecimento do próprio corpo, pois apesar de ser explorada sexualmente pelo seu padrasto e posteriormente por seu esposo, Celie ainda não fora despertada para o prazer sexual, para sua feminilidade, pois não conhece bem o seu corpo. Mas com o apoio da amiga já demonstra um pouco de malícia em situações inusitadas, "[…] tudo queu posso fazer é puxar a coberta e cobrir minha cabeça e botar o dedo no meu butão e nos meus peitinhos[...]"(WALKER, 2009, p. 100). Assim percebe-se que a mesma já inicia a descoberta do próprio corpo, valorizando-se: "eu fiquei parada na frente do espelho tentando fazer alguma coisa com o meu cabelo. Ele tá curto dimais pra ficar preso, tá grande dimais pra ficar solto." (WALKER, 2009, p. 130). Isto mostra que esta obra enquadra-se nos romances da fase fêmea: "marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade [...]" (ZOLIN, 2003b, p.256). Celie evolui como personagem, tornando-se sujeito de suas próprias ações, buscando sua própria identidade como mulher lésbica, descobrindo-se.

Notavelmente sua preocupação com a aparência começa a aflorar, assim como a sua personalidade quando esta já aconselha outras pessoas como Tampinha, personagem que no decorrer da trama casou-se com Harpo, mas este não a chama pelo seu próprio nome que é Mary Agnes. “Faz o Harpo chamar você pelo seu nome verdadeiro”, eu falei. “Aí quem sabe ele vai ver você mesmo quando tiver com um problema.” (WALKER, 2009, p. 107) Esta situação demonstra a ruptura de Celie com os padrões de submissão que permeavam sua vida. Ela agora se mostra muito mais sujeito, ela tem voz, o que proporcionou admiração e surpresa em Tampinha: “Ela olhou pra mim espantada” (WALKER, 2009, p. 107). Tampinha convivera com uma Celie toda pacífica e submissa, e agora ela mostra sua força, sua atitude autônoma e enfrenta até mesmo Sinhô, seu último opressor: “Você é um cão ordinário, é isso que tá errado, eu falei. Já é hora de deixar você e começar a viver. E o seu cadáver será o bom começo queu priciso.”(WALKER, 2009, p. 235). Essa atitude extraordinária de Celie é uma resposta à repreensão de Sinhô que afirmou que a mesma só sairia de casa por cima de seu cadáver. Celie abandona o marido, desafiando, assim, as regras de uma sociedade sexista. É a ruptura total com os padrões ditados a ela muito tempo antes.

Ao fim da narrativa, Celie reencontra-se com sua irmã Nettie que traz consigo seus filhos, tirados de si quando nasceram. Celie sente que sua vida agora é feliz. Sente-se satisfeita por ter conseguido ter seus filhos de volta e tornar-se independente: “E a gente ta tão feliz. Pra falar a verdade, eu acho que a gente nunca se sentiu tão jovem assim”(WALKER,2009, p. 334). A personagem sabe que ascendeu, sente-se um sujeito. A opressão e a submissão não fazem mais parte de seus pensamentos.

A análise desta obra, *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, permite ao leitor uma viagem com muita alegria e emoção a um dualismo de ideias, com humor e sofrimento, retratando a situação opressiva e a vivência da mulher negra em relação a esta opressão. Contudo, o que é interessante nesta obra, é a superação e a valorização da identidade que rompe com os dogmas e imposições da sociedade. Celie, nossa protagonista, deixa de ser objeto e passa a ser sujeito, tendo desejos e vontades, realizando estes desejos e vontades sem o cerceamento de sua liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, realizou-se a análise do romance *A cor púrpura*, de Alce Walker, sob uma perspectiva do feminismo e da estereotipação sobre o negro. O foco foi a

observação da personagem feminina negra, a protagonista Celie. Para tanto, realizou-se um levantamento teórico sobre o feminismo literário, sobre o feminismo negro, de forma breve e sobre a criação de estereótipos, para, então, realizar a investigação das características desta protagonista, sua condição diante dos outros personagens que a cercam na narrativa.

Esta análise demonstra que a criação de estereótipos na narrativa objetiva inferiorizar a mulher negra, de modo que ela aceite a condição imposta pelo homem e pelo branco. As formas de estereotipagem que foram encontradas no romance referem-se à cor, à beleza, ao sexo, à preguiça, pois em alguns trechos as visões relativas à mulher negra são de preguiçosa, feia, preta, mulher, entre outros. Além disso, notou-se a evolução da protagonista como mulher negra dentro de uma sociedade machista e sexista. Celie aparece no início da narrativa como uma mulher degradada pelo pai e pelo marido. Sofre abusos sexuais, sofre violência, sofre preconceito. È taxada de feia, preguiçosa. Aos poucos, Celie muda sua atitude de submissão diante de tudo isso. Ela deixa de aceitar ser inferiorizada e passa a ser sujeito, agindo e não mais recebendo ordens. Ela torna-se independente, abandona o marido, descobre o próprio corpo e sua sexualidade. É sujeito, não mais objeto.

Desta forma, após a análise do romance *A cor Púrpura* escrito por Alice Walker, foi possível notar a presença de estereótipos na narrativa, que eram utilizados como formas de denegrir e subjugar a mulher negra. Mas, percebemos que ao longo da narrativa a personagem principal da obra Celie, sai da condição de submissa e dá um novo rumo a sua vida, tornando-se assim agente de seu próprio destino.

Este trabalho nos possibilitou uma visão minuciosa acerca da figura feminina, principalmente da mulher negra, seus anseios, suas lutas e os embates sócio-cultural que estas travaram ao longo dos anos e que ainda persistem nos dias atuais, quebrando paradigmas e saindo da situação de objeto para serem agentes de transformação com autonomia contra qualquer tipo de discriminação. Porém, muito ainda tem a ser dito em relação a esta obra, através de análises literárias e de suas percepções sobre a questão da identidade da mulher negra, antes pouco debatida.

REFERÊNCIAS

A COR PÚRPURA. Disponível em <
http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cor_P%C3%BArpura> Acesso em 22 ago. 2011.

ALAMBERT, Zuleika. **Mulher uma trajetória épica –** esboço histórico da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

HIGH, Peter. **An outline of American literature.** New York: Longman, 2002.

MICHEL, André. **O Feminismo**: Uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

SAFFIOTI, H.I.B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 2002.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a, p. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b, p-253-261.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura**. Trad. Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.